



MAGNETICA

REVISTA DIGITAL

EDICÃO 07 | JUL. 25



Manifesto

Altura, abertura e profundidade

MAGNÉTICA é uma plataforma para a criação, produção, editoração e divulgação de textos escritos pelos seus participantes. Textos com a gravidade, a luz, o ritmo - o fluxo da mente, do espírito - de quem com ela quiser seguir.

O foco é o ato de escrever como meditação ativa e criadora, a experiência do instante como expansão, extensão do pensamento: que as frases, temas e ideias se façam como o meio, e o fim seja tecido de si mesmo nos muitos caminhos e formas de cada um.

E que não se invista na trama do que contrai, do que repele, do que reduz, do que falseia; do que distorce, do que separa, do que condena. Nenhum símbolo do que não é deve aqui ser ampliado.

OS ATRAÍDOS

Meu nome é Eliana, com A no final, se não quiser confundir, pode me chamar de Eli. Tenho 56 anos, uma filha e três gatos. Magnética, o que me atrai são as cores, as artes, boa comida, bons amigos, viagens. Me causam repulsa a desigualdade, as injustiças, as coisas mal feitas, o cheiro do ralo e baratas.



Sou Mario. Sem acento no "a", mas aceito se você o colocar. Tenho 56 anos. Geminiano com ascendente em Capricórnio. Não acredito em horóscopo, mas me divirto. Magnético, sou atraído por todo tipo de conhecimento e novas linguagens. Repilo a injustiça, a desonestidade e todo um espectro de escatologias.



Sou Paula Bessa. Cinquenta anos em janeiro... capricorniana. E, talvez por isso, brava, teimosa e rígida à beça. Recentemente, descobri o quanto os dois "esses" do meu nome suavizam meu caminho. Gosto das possibilidades das curvas acentuadas que esses dois circuitos lado a lado me oferecem. Magnética, adoro o tempo das reticências e de contar detalhadamente uma história. Então, estranho quem diz "texto muito longo"... me parece sempre, no mínimo, curioso.



Meu nome é Ana Maria Malik. Filha de imigrantes da Europa do Leste, minha mãe tinha ficado orgulhosíssima de me dar um nome tão brasileiro. Na verdade, latino. Que inspirou músicas e poemas. Setentinha, mas ainda brigo com o espelho, pois aquela me olha de manhã não sou eu (depois, como sou resiliente, me acostumo). Geminiana, adoro palavras e músicas. Magnética, adoro conviver com gente. E sou reconhecida por isso. O que me revolta é a desigualdade. Nunca a diversidade.



Meu nome é Renato. Tenho 63 anos e já nasci algumas vezes nesta vida - daí o nome. Magnético, sinto atração por coisas secas: substantivos, desertos, estradas de terra e uva passa. Sinto repulsão por coisas gosmentas: diminutivos, jiló, jaca, lesma e o Alien ao nascer.



Meu nome é Sérvio, Sérvio Túlio, com 'v'. Não 'g'. 'V'... sim, com 'v' mesmo. Não foi erro no cartório, nem pais criativos, mas o avô que ensinava latim. Tenho 54 anos. Magnético, me atrai o rigor do que inclui, do que explica, do que conecta; a linguagem, as gramáticas, as equações. Tenho repulsa regurgitante a tudo que na frase "na prática a teoria é outra" pode estar implícito, oculto ou atolado.



A IMANTADA

Meu nome é Renata. Tenho 64 anos. Daqui a três anos, me aposento e mudo de fase. O que mais me anima é não precisar ir ao mesmo lugar, na mesma hora, todos dias. Sou curiosa, perguntadeira, mais assertiva do que brava (não dá para agradar a todos). Não lido nada bem com a hipocrisia. Fiquei feliz pelo convite para participar desta edição.



ÍNDICE

O SILÊNCIO QUE NÃO QUER CALAR Renata Hernandes	07
O SILÊNCIO DA ÁGUA Eliana Bianco	09
O SILÊNCIO DO MEU PAI Renato Guimarães Ferreira	11
SILÊNCIO Ana Maria Malik	14
TORRENTE FRENÉTICA DE PENSAMENTOS Paula Bessa	17
SIMULACRES ET SIMULATION REVISITED Mario Aquino	19
SIGNUM HARPOCRATICUM, SIGNUM SILENTII ¹ Sérvio Túlio Prado Jr.	22

O SILÊNCIO QUE NÃO QUER CALAR

Já foi em uma festa, onde a música tocava, o mundo ria, cantava, dançava, e você não percebia nada em sua volta? O corpo estava ali, sem a mínima reação?

Uma vez estive aí por uma noite sem sensação térmica. O olhar e os pensamentos estavam distantes sem busca de propósito, razão ou sentimento. Nadinha de tristeza, alegria ou indiferença. Estava alienada em uma quietude que não permitia que aquele barulho me ensurdescesse; eu não escutava nem ouvia.

Lentamente, sem eu perceber, o silêncio me levou sem pedir licença. Fez com que eu fosse para um mundo paralelo, em que a mente queria reagir, mas eu já não me relacionava com nada daquele lugar que ‘escolhi’ estar porque ‘precisava’ estar; para não fugir do óbvio ou do julgamento. Era um sábado.

Mas foi dali que parti para uma aventura silenciosa que me colocou em contato com o irreal. Primeiro, os questionamentos brotaram, querendo saber quem eu achava que era. Ou até era mesmo!?! O cenário misturava luzes coloridas com uma penumbra que não me dava medo. Não tinha nenhum sentimento, lembra?

Aos poucos tudo escureceu e me soterrei em um buraco profundo, como as formigas fazem quando estão carregadas de folhas ‘nas costas’ e precisam ser rápidas para fugirem de um esmagamento cruel e insensível.

Cheguei lá no fundo onde a escuridão tomou conta da minha mente, calando perguntas sem respostas; problemas sem soluções; dúvidas sem esclarecimentos; amor sem ódio, multidão sem gente...

Exatamente aí, nesse momento, fui me decompondo até desaparecer. Não é maluquice, nem foram drogas, nem das lícitas, nem das ilícitas.

Não sei o tempo em que permaneci nesse estado. Mas voltei! Logo aquele 'silêncio solitário', que nunca cala dentro de mim, buscou explicações. Sonhei? Mas dormi aqui no meio desse caos? Será que alguém percebeu? Acho que desmaiei... muita Coca-Cola sem açúcar?

Não conseguia mais parar de pensar: para onde eu fui?



Renata Hernandez

O SILÊNCIO DA ÁGUA



Gosto de ouvir o silêncio da água enquanto se espalha no papel. Não é uma quietude completa — é um silêncio vivo, que se move, que transforma, que preenche e interrompe o gemido do branco vazio.

Ao olhar para uma aquarela, ainda que seca, conseguimos perceber a dança da água que a criou: pequenas marés de pigmentos que se acumularam nas bordas como espuma. Mas durante o processo, enquanto a tinta ainda se espalha, tudo parece suspenso. Tudo pode acontecer. É um instante em que o olhar aprende a ouvir, assistir e aceitar.

Nesse silêncio, a água nos ensina que não devemos ter pressa. Ela corre quando quer, para onde quer, carregando as cores, formando rios, lagos, nuvens, manchas que ninguém jamais repetirá.

Observar a água em movimento sobre o papel é também um exercício de escuta desse silêncio: ela se expressa sem palavras, sussurra tons úmidos que transformam manchas em formas e deixa que a gravidade e o tempo falem por ela.

Nós, que pintamos, aprendemos a nos calar diante disso. A mão repousa o pincel. É a água quem trabalha. E seguimos observando, aceitando, às vezes estimulando, raramente controlando. Ao final, no silêncio da água, ouve-se o artista.

Eliana Bianco



O SILÊNCIO DO MEU PAI

De uma hora para outra ele parou de falar. Sua dificuldade de falar em função do Parkinson vinha se acentuando há alguns meses, mas de repente tivemos que passar a conviver com seu silêncio ensurdecedor. Dizem que há muitos tipos de silêncio: o silêncio de uma pessoa tímida (que se torna ainda mais perturbador quando ela se encontra com outra pessoa tímida), o silêncio do cinema, o silêncio dos templos, o silêncio cheio de sons da natureza, o silêncio da mensagem de celular não respondida, o silêncio da tristeza.

Li em algum lugar há muito tempo – ou talvez tenha ouvido isso – que ele se divide basicamente em dois tipos: o silêncio que é anterior às palavras e o silêncio que é posterior a elas. O primeiro é mais desconfortável, o segundo mais acolhedor. No caso do meu pai, trata-se de um silêncio posterior às palavras, pois ele era um homem falante, que gostava de conversar, de preparar falas bonitas a serem ditas em voz alta em cerimônias especiais (aniversários, batizados, Natal, Ano Novo) e de contar piadas – como gostava de contá-las! – aos amigos e parentes nas reuniões da família, rindo gostosamente ao final como alguém de bem com a vida, que nela via encanto e graça.

O seu não-silêncio não era feito só de palavras. Ele incluía também assobios que nunca consegui imitar. Havia um característico dele, que sempre anunciava suas chegadas em casa na hora do almoço ou no final do dia. Ao escrever isso, ouço mentalmente aquele assovio que misteriosamente nunca mais se fez ouvir. Não há ninguém na família que o tenha herdado – era só dele.

O silêncio no caso dele, mesmo que posterior às palavras, não era voluntário. Não era o silêncio de quem percebera que já tinha dito tudo que queria. Era, na verdade, fruto de uma incapacidade física maior do que sua vontade. No começo ele tentou, mas as palavras saíam duras, difíceis de se entender, quebradas. Até que ele desistiu e nunca mais falou. Passou a olhar de um jeito diferente, como quem falasse uma outra língua, a língua dos olhos. Ele nos fitava nos olhos, criando um diálogo silencioso e profundo por meio de outros elementos que dispensavam palavras. Não tinha cara de quem contava piadas, mas de quem tinha algo muito importante a dizer, e dizia a seu modo. Conversei com ele muitas vezes assim e acho que entendi tudo. Tudo mesmo.

Mesmo depois que esse silêncio se instalou, eu segui conversando com ele usando, além dos olhares, as palavras que já nos foram tão íntimas: fazia perguntas e já respondia para lhe poupar o esforço. *“Esfriou, né papai? Vou puxar o cobertor para o senhor ficar bem quentinho. Vamos ver um pouco de televisão? Hoje tem jogo de volley do Praia Clube – é sempre bom, não é? O senhor quer ouvir música? Ah, tá bom – vou colocar aquele vídeo de tangos de que o senhor gosta tanto, pode ser?”* É claro que ele não respondia de um jeito convencional, mas nunca deixei de ter a sensação de que efetivamente conversávamos. Até por telefone. Eu ligava para casa todos os dias e sempre pedia para que colocassem o celular, com a câmera aberta, diante dele. Eu tinha certeza de que ele me ouvia (ainda que tivesse dúvidas de sua capacidade de processar o que eu falava) e tinha uma convicção íntima de que ele gostava de conversar comigo, ainda que desse jeito. Eu falava sozinho – ele estava ali e escutava, reagindo discretamente, muitas vezes apenas com um leve piscar de olhos.

Com o passar do tempo, ele também começou a fechar os olhos. A princípio, só por algumas horas ao longo do dia, como quem descansava. Depois, ele passou a abri-los só por alguns minutos por dia. Quando alguém percebia que ele estava com os olhos abertos, avisava todos os que estavam em casa, que acorriam para ver e possivelmente serem vistos. O que será que ele via?

Será que nos reconhecia, identificando cada um de nós e dizendo baixinho nossos nomes? Tendo a achar que não, que ele só absorvia os sentimentos dos que o rodeavam, mas não mais suas individualidades. Era como se ele só percebesse que ali havia vida e que nós a celebrávamos todos os dias.

Muitas vezes peguei um livro ou computador e passava horas a seu lado, lendo, estudando, trabalhando. Gostava de sua companhia serena, presença contínua que aquecia e iluminava o que eu fazia. Na maior parte das vezes nesses últimos anos, ele parecia dormir, mas eu gostava de pensar que ele percebia que eu estava ali, a seu lado, guardando-o como merecia ser guardado. Lembrei-me do poema do Antonio Cícero:

*“Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por
admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.
Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por
ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela,
isto é, estar por ela ou ser por ela.”*

Recentemente, ele abriu os olhos logo depois de ser levado da poltrona da sala para a cama do quarto e os fixou em mim – bem grandes e intensos, eles transbordavam de intenção. Conversamos longamente e eu percebi o tanto que tínhamos crescido, eu e ele, ao longo da vida, aprofundando nossa compreensão um do outro e das coisas que vivemos. Falei baixinho no seu ouvido: “Papai, que bom ser seu filho”.



Renato Guimarães Ferreira

SILÊNCIO

*Ai! Mas quem virá?
Me pergunto a toda hora
E a resposta é o silêncio
Elton Medeiros (2007)*

Às vezes me pergunto como o silêncio pode ser tão eloquente. De fato, os olhos podem falar, as mãos se fazem entender quase de maneira inequívoca, mas o silêncio...às vezes, ele quer dizer muitas coisas, mas é bem fácil entendê-lo de forma errada. Às vezes...

Seria possível ouvir as estrelas sem que houvesse silêncio? Como dizia Bilac, “nem todos têm ouvidos capazes de ouvir e de entender as estrelas”, mesmo que não se esteja com qualquer intenção romântica. Porém, isso tudo certamente partiria do pressuposto que se quer ouvir algo, mesmo que seja o silêncio, ou algo que ele, ao ser silêncio, diz...Não há qualquer dúvida que vivemos na era da comunicação mas, como dizem os críticos da busca excessiva e superficial de conexão, ao focarmos apenas nisso não perdermos o caminho de nos comunicarmos conosco mesmos?

Assim buscar o silêncio pode ser buscar a si mesmo, o que pode também querer dizer ouvir a voz(inha) interior de cada um(a). Primeiro, é claro, com bom humor, fazendo referência ao Collodi, pai (será que é mais correto

dizer tutor?) do Pinóquio, o boneco de madeira que queria ser menino, e ao Grilo Falante. Não consigo descrever o espanto que senti quando vi, no filme infantil, que este se chama no original Jiminy Cricket. Pensando nisso, vou renunciar ao espanto, uma vez que o Zé Gotinha (que nos protege a todos em vez de fazer como o grilo, que representa nossa consciência individual) em inglês é Jack Drop. Mas, em um segundo momento, algum cuidado, algum critério é necessário: a vozinha que fala conosco, de dentro de nossa cabeça, pode ser considerada como um sinal de problema mental. A bem da minha sanidade mental eu assumo que tudo depende do quanto ela fala, do que ela fala e do que ela me manda fazer.

Há quem fale, fale, fale e use o excesso de barulho e das palavras para evitar o silêncio, interno e externo. Para alguns, o silêncio dói, e é de ver-se qual o pior, qual dói mais, se o do mundo interior ou se o do chamado mundo lá fora. Sei que falo muito, talvez para preencher espaços vazios, que podem parecer incômodos. Antigamente fazia parte da boa educação (e me lembro do filme do Almodóvar, *la Mala Educación*) aprender a arte da conversação. De fato, a falecida avó de uma grande amiga, justificando alguns absurdos que dizia, afirmava “Comigo o assunto não morre”.

Entre o falar e o ouvir, haveria sempre algum hiato. Ou não, se a mente segue em fluxo contínuo. Assim minha mãe, que tinha ficado surda como efeito colateral de um medicamento, às vezes via um filma na TV (no caso, *High Society*) e dizia “só de ver os artistas cantando dá para perceber que eles cantam bem” (ainda bem, para deixar em paz as almas de Frank Sinatra e Bing Crosby). E trazendo à memória o retorno de sua audição, mediado por um dispositivo médico implantado, os sons que ela escutava, 20 anos depois de ter deixado de ouvir, não correspondiam a sua memória auditiva. Por exemplo, não reconhecia o som do telefone como tal. E, entrando no terreno da imaginação e do afeto, mesmo surda, algumas vozes (como a da filha dela) ela conseguia ouvir, dizia.

Mas...preencher o silêncio é obrigação? Na minha cabeça, assumindo que, embora a física sugira que o vácuo nos ajudaria a compreender o universo, está claro que, de fato, no mundo real não existe vácuo (confesso que fui verificar esta afirmação junto a minha atual grande amiga IA). E meus silêncios internos podem ser preenchidos com música. Esta tem palavras, a poesia que se torna letra (ou, ainda mais lindo, em inglês, lyrics) ou pelo menos notas. Mais ou menos harmônicas, mas sempre notas (depende de quem ouve e de quando nasceu/estudou o compositor). Que podem ser consideradas letras, formando frases musicais.

Nosso silêncio, ou aquele que está próximo de nós, pode ajudar a ouvir o mundo ao nosso lado (ou, como diz o título do filme, o Som ao Redor). E aí voltamos à física, que ensina que o som não se propaga no vácuo. Para muitos, porém, na falta de vozes ou de sons internos e relacionais, deixar ligada a televisão, o aparelho de som ou...alguma forma de fundo sonoro originado no computador, é um auxílio à sobrevivência.

Para finalizar, retomemos a cultura brasileira: a conhecida canção de Natal. No Brasil, diz Noite Feliz, Noite de Paz. Em inglês, é Silent Night, Holy Night. Já no original alemão é Stille Nacht, Heilige Nacht (em ambos os idiomas, noite silenciosa, noite sagrada).

Durma-se com um barulho desses e...o resto é silêncio

Ana Maria Malik



TORRENTE FRENÉTICA DE PENSAMENTOS

(fragmentos de uma mente que não se cala)

E se eu tivesse dito sim?
Amanhã preciso acordar cedo.
Pensei tanto em viajar nesses últimos dias...
Não era isso que eu queria dizer.
Eu realmente não tenho vontade.
Lembrei, mas já esqueci.
Parei.
Bem que eu queria...
Até quando?
Você pode falar?
Eu realmente não me importo.
Precisa ser agora?
Que absurdo!
Só mais um pouquinho...
Obrigada.
Imagina!
Para que tanta pressa?
Eu, nunca mais.
Eu já disse que sim.

Nem pensar.
Claro, fique à vontade.
Justo na minha vez!
Porra! Claro, que não.
Eu posso. E você?
Agora? Nem pensar...
Eu já fui e odiei.
Amei. Não poderia ter sido melhor.
Queria tanto uns dias de sol na praia...
Quando que esse frio acaba?
Posso?
Eu não sei...

Será que não existe um outro jeito?
Eu não quero mais ficar sozinha.

Paula Bessa 

SIMULACRES ET SIMULATION REVISITED

O simulacro nunca é o que esconde a verdade — é a verdade que esconde o que não existe. O simulacro é verdadeiro.
(Jean Baudrillard)

Ela o conheceu numa dessas noites de marasmo digital, onde o feed das redes sociais parecia um lugar de fuga, mas também uma prisão invisível. Seus perfis se cruzaram por acaso, mas logo a conversa se esticou como se fosse inevitável. Cada mensagem trocada se tornava uma promessa: uma troca de olhares em forma de texto, algo que poderia ser mais do que uma simples distração. Eles construíram um relacionamento que parecia, ao menos no começo, genuíno. Mas, à medida que o tempo passava, o espaço virtual parecia ir se estreitando, como se o próprio código estivesse se desconectando, criando lacunas invisíveis.

E então, ele começou com o *ghosting*. Uma mensagem lida e ignorada, e depois outra, e mais uma. Um silêncio pesado que se espalhava por entre as palavras não ditas. Não foi abrupto, mas uma falta de resposta que foi se tornando uma ausência insuportável. No começo, ela se sentiu como uma opção descartada, um código negligenciado em um servidor que ninguém mais acessava. Então, veio o *benching*. Ele não a deixava totalmente para trás, mas tampouco a trazia de volta. Ela era mantida em uma lista de espera, com promessas vazias e uma distância crescente. Cada "não posso falar agora" parecia uma chave para algo maior, mas a verdade era que ele havia se tornado uma ficção, uma construção digital criada a partir de sinais desconexos.

Mas o mais intrigante foi quando o silêncio se aprofundou. No fundo, ela começou a perceber que, naquele vácuo de palavras, ele estava dizendo algo; ou, melhor dizendo, não estava dizendo nada. O silêncio tornou-se a única comunicação verdadeira, mas também o lugar mais perigoso. O silêncio também se tornava uma forma de manipulação. Ele não estava mais lá, mas sua ausência criava um espaço repleto de incertezas e interpretações distorcidas. Cada silêncio se transformava em uma nova camada de ambiguidade: será que ele realmente a amava? Será que ela foi apenas mais uma distração?

À medida que o tempo passava, o vazio digital foi se tornando uma tela em branco para seus próprios medos e suposições. Ela tentou reconstruir a narrativa de seu relacionamento a partir das brechas do silêncio. Mas a verdade estava em toda parte e ao mesmo tempo em lugar nenhum. Como em um dos filmes de “Matrix”, ela se viu perdida em um labirinto de informações e falsas promessas, tentando entender o que era real e o que era pura ilusão.

Como Lyotard sugeriria, o silêncio se tornava uma forma de resistência à narrativa imposta. Ele, ao se calar, fazia da relação algo inominável, algo que não podia ser encaixado em um discurso coeso. Mas, o silêncio não era apenas resistência: era também a criação de uma narrativa alternativa, uma onde as respostas se perdiam em camadas cada vez mais espessas de incerteza. O que antes parecia um relacionamento real, com conexões genuínas, agora se desintegrava em uma simulação de afeto, sem nenhum alicerce sólido.

Em um momento de reflexão, ela interpretou que, talvez, esse silêncio fosse a mais pura expressão da verdade. Mas, como Baudrillard indicaria, também podia ser a mais pura simulação. O que restava não era um relato claro, mas uma construção distorcida, onde a ausência dele estava mais presente do que qualquer palavra dita.

O silêncio, agora, era o único sinal real. Mas esse sinal estava corrompido, transformando a verdade em uma realidade distorcida e fragmentada. Ela não sabia mais o que ele pensava, o que ele sentia, ou sequer se algum dia ele existiu como ela imaginava. O silêncio, como uma tela digital, refletia a disfunção das relações humanas no universo das redes sociais, onde a comunicação se torna uma simulação e o vazio a única certeza.

No fim, ela ficou ali, perdida nesse abismo de silêncio, tentando entender o que restava de algo que um dia foi real. Mas, o silêncio, agora, não oferecia mais respostas. Ele se tornara a única narrativa possível: uma narrativa que ela nunca poderia compreender completamente.

Mario Aquino



SIGNUM HARPOCRATICUM, SIGNUM SILENTII ¹



A capa da Magnética deste mês é uma imagem de Sant'Ana, identificada por quem estuda esse tipo de coisa como sendo singular na sua representação: uma mulher ainda jovem e com a mão sobre os lábios num pedido de silêncio. A pintura original encontra-se exposta no Museu Nacional de Varsóvia. Cobria parte de uma parede soterrada no que fora a Catedral de Paulo, na antiga cidade de Faras, hoje completamente submersa na represa de Assuã, no sul do Egito.

A história da represa se interliga, é claro, à da expedição arqueológica que conseguiu revelar parte da herança da qual a água é agora donatária e guardiã. No momento em que os já anunciados planos de construção da hidrelétrica começam a ganhar traços de realidade, anos depois de Gamal Abdel Nasser chegar ao poder e decretar a nacionalização do canal de Suez para que seus rendimentos lhe financiassem a ambição da obra, inicia-se também o gigantesco esforço para resgatar o que fosse possível do local a ser inundado. Uma verdadeira corrida contra o tempo, coordenada por uma Unesco ainda nos princípios da sua atuação. Por razões associadas a continuidade de parcerias acadêmicas que datavam de antes da 2ª guerra mundial, e talvez também pela influência dos alinhamentos ideológicos que se viviam na época, arqueólogos de uma Polônia comunista passam a coordenar toda operação.



Uma expedição de estudiosos britânicos que escavou o local ainda no início do século XX, sinalizou ali existir indícios de um grande templo, resquício da época dos faraós. Décadas depois, já na missão da Unesco, equipes comandadas pelo Prof. Kazimierz Michałowski mostram que a grande estrutura, na verdade, não era o que se pensava ser, mas uma catedral que se abandonara à areia e ao esquecimento em algum ponto no final da Idade Média.

Fora construída no começo do século VIII na Nobácia, que acabara de ser anexada à Macúria, reino que por quase mil anos existiu nessa região atualmente compartilhada por Egito e Sudão. O fato é que nesses reinos foram eles todo sempre núbios, senhores de milenares e entremeadas raízes com todas as dinastias do Nilo, com a gente de Cuxe, Meroé e Aksum. Eram também, de um modo só seu, gregos na fé e coptas na liturgia.

Resistiram, inicialmente pela força das armas, ao avanço dos Omíadas. Posteriormente um tratado, o mais longo de que se tem registro, acrescido de um cruel e anual tributo de jovens escravizados contados às centenas, assegurou-lhes alguma paz, riqueza e muitos séculos de independência.

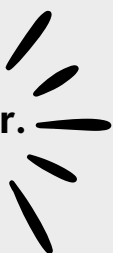
De tudo o que foram, só um fragmento me chegou enquanto pesquisava ícones na Internet. A expressão de um olhar, o gesto com a mão, o sentido imediato do que pede - a profundidade do que quer de mim. E que tenho dificuldade em consentir.

Porque há teologias e controvérsias. Polêmicas, heresias, cismas, anátemas. Excomunhões. Conveniências, poder, influência. Oportunismos. A fé e a singeleza. O certo, o bom, o justo, o legítimo. Convicções. Sinceridades. Monofisistas, calcedônios, diafisistas, miafisitas, nestorianos, monotelistas. Alexandria, Antíóquia, Roma, Bizâncio. As moradas do sagrado e tudo mais que são suas demoras. A natureza encarnada do Cristo, a divindade de quem o encarnou. A mulher em que foi gerado, a mãe de um homem ou a mãe de Deus (Θεοτόκος)? E prosopon (πρόσωπον), ousia (οὐσία) e hipóstase (ὑπόστασις) - pessoa, essência, natureza manifesta. A existência ou o absurdo da Trindade. A transcendência ou o vazio desprezível dos ícones. A areia do tempo que passa, as águas de um futuro progresso imaginado. A guerra-fria, a ordem que se tenta dar ao mundo, as instituições, os museus, a restauração, o engenho e a arte, a Polônia, os arqueólogos.

E também porque ainda sou o mesmo que, numa noite dessas, meses antes de me tornar Magnético, buscava devoções para chamar de minhas, perdido numa sessão de Zoom já sem sentido. Tudo para que resvasse na Sant'Ana de Faras e pudesse assim propor aos meus amigos que ela desse a forma ao nosso tema do mês.

¹ O termo harpocraticum vem do nome Harpócrates (Ἄρποκράτης), o antigo menino-deus grego do silêncio, incorporação helenística do deus egípcio Hórus criança, filho de Ísis e Osíris. Suas imagens têm a si associadas o gesto do indicador sobre os lábios.

Sérvio Túlio Prado Jr.



INSCREVA-SE E RECEBA AS PRÓXIMAS EDIÇÕES

K	U	N	H	V	Z	C	R	W
R	V	N	D	R	Q	U	Z	O
V	P	A	C	R	I	S	I	O
L	A	E	R	C	I	A	T	F
R	E	V	I	S	T	A	A	Z
M	A	G	N	E	T	I	C	A
T	E	T	I	C	A	C	B	Q
E	C	E	E	I	C	D	F	F
U	B	B	O	P	R	R	Z	L
H	R	R	Z	X	E	T	A	L


MAGNETICA

